



OPERAÇÃO NA SELVA: A Preparação do Combatente

Adalberto Bueno da Cruz (*)

() O capitão Inf., foi declarado Asp.-a-Oficial em 1963. Cursou a EsAO em 1974. Dentre suas comissões destacam-se:*

- Subalerno de 2ª Cia. Fron – Porto Murinho*
- Instrutor da EsAO*

Possui ainda, os cursos de Guerra na Selva (COSAC-1967) e acompanhou a equipe do COSAC em visita de instrução especializada à Zona do Canal (Panamá), e Fortes Benning e Bragg.

INTRODUÇÃO

Pelas suas condições ambientais as áreas de selva apresentam dificuldades de tal vulto às operações militares, que estas passam a ser consideradas como especiais, tendo em vista as características peculiares de que se revestem. Em consequência destas características, o combatente terá de ser submetido a um treinamento específico, cujos objetivos serão o de proporcionar-lhe condições técnicas, físicas e psicológicas para melhor cumprir suas missões.

Estas dificuldades normalmente fazem com que o soldado venha considerar a selva como uma inimiga, porém o Cel. F. SPENCER CHAPMAN (1) baseado em suas experiências de combate contra os japoneses durante a 2ª Guerra Mundial, na MALÁSIA, escreveu um livro intitulado-o, muito sabiamente, "A SELVA É NEUTRA" (JUNGLE IS NEUTRAL), por julgar que ela interfere igualmente nas operações de ambos os contendores.

Os possuidores de Curso de Operações na Selva (COS) concordam com esta assertiva e vão mais longe, considerando que um bom treinamento poderá transformá-la em ALIADA, deixando o combatente em condições de tirar o máximo proveito dela, seja das vantagens que apresenta como das dificuldades impostas.

É sobre este treinamento que pretendemos, no presente trabalho, apresentar algumas idéias a respeito, salientando que elas se referem apenas a homens já qualificados e não a recrutas.

FATORES QUE ATUAM SOBRE O COMBATENTE

As áreas densamente cobertas de vegetação apresentam certos fatores que atuam sobre o homem e, caso ele não esteja preparado técnica, física e psicologicamente, poderá apresentar mudanças de comportamento, prejudicando a sua eficiência no Combate e o seu relacionamento dentro da fração em que estiver enquadrado.

A selva também interfere nas operações militares, e estas características especiais de que se revestem também apresentam fatores que influirão no comportamento do combatente.

Podemos pois, concluir que o homem estará sujeito a dois conjuntos de fatores a interferirem no seu comportamento: um, conseqüente das condições ambientais da selva e o outro, das características especiais de que se revestem as operações militares. Portanto, para que o adestramento seja eficiente, é necessário que se tenha conhecimento destes fatores para que o treinamento a ser feito, possa neutralizar ao máximo as reações negativas que eles poderão causar, deixando o combatente em condições de cumprir suas atribuições com maior rendimento.

Em linhas gerais estes fatores e, conseqüentes reações, são os seguintes:

1 — Das condições ambientais da selva

| FATOR | REAÇÃO |
|---|---|
| Observação reduzida | — Sintomas de claustrofobia; — Relaxamento com as medidas táticas de segurança; — Medo de extraviar-se. |
| Monotonia da paisagem | — Irritabilidade. |
| Ausência de ruídos | |
| Existência de animais e insetos peçonhentos | — Medo; — Excesso de segurança individual. |
| Doenças tropicais | — Medo; — Excesso de zelo. |

| | |
|--|---|
| Péssimas condições de higiene | — Relaxamento com estas medidas. |
| Terreno de difícil progressão | — Desânimo; — Relaxamento com as medidas táticas de segurança. |
| Deslocamentos sem pontos de referência | — Falsa noção de distância percorrida; — Perda da confiança no equipamento (Exemplo: bússola); — Perda de confiança nos cálculos obtidos para a distância percorrida (contagem dos passos); |
| Chuvas e calor intensos | — Indisciplina nas medidas de segurança (fazer fogueiras para secar roupas) (banhos em horas impróprias). |

2 — Das características das operações

| FATOR | REAÇÃO |
|------------------------------------|--|
| Controle e coordenação difíceis | — Indisciplina; — Dúvida no planejamento do Esc Sp; — Sensação de isolamento da fração; — Dificuldade nas ligações rádio, ocasionando: — perda de confiança no Eqp; — sentimento de inutilidade no seu transporte; — falta de cuidado com o Eqp. |
| Deslocamentos lentos e prolongados | — Dúvida no planejamento do Esc Sp; — Relaxamento das medidas táticas de segurança. |
| Evacuação difícil | — Receio em ser ferido, ocasionando: — medo de ser abandonado; — sobrecarga aos companheiros em transportá-lo. |
| Apoio logístico difícil | — Há necessidade do combatente levar equipamento e material adicionais e, em consequência do terreno difícil e da longa duração das operações, a tendência do homem é abandonar este equipamento, transportando menos carga. |

O TREINAMENTO

Para o combatente render o máximo de suas potencialidades numa área de selva, ele deverá estar aclimatado, preparado técnica e psicologicamente a par de uma excelente capacitação física.

Portanto o treinamento deverá obedecer as seguintes fases:

- ACLIMATAÇÃO (para os estranhos a área)
- TREINAMENTO FÍSICO
- PREPARAÇÃO TÉCNICA
- PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA

Vejamos uma por uma destas fases.

1 — Aclimação

Como já salientamos acima, ela só será necessária para os elementos estranhos a área.

A aclimação é um processo natural e independe do homem. É a adaptação do corpo humano às condições geográficas (latitude, longitude, clima, altitude, etc) de uma área diferente daquela em que vivia. Como exemplo citamos o caso do homem que vive no nível do mar e desloca-se para uma área montanhosa, com altitudes superiores a 2.000 m, fatalmente durante alguns dias ele sentirá tonturas, sofrendo o conhecido "mal das alturas". Um militar transferido do RS para MANAUS sentirá nos primeiros dias, calor quase insuportável, aumentando consideravelmente a sudorese.

Devemos salientar que quanto mais rápido for o meio de transporte utilizado para se chegar na nova região, com mais intensidade sentir-se-ão os efeitos da falta de aclimação e mais tempo será necessário para que ela se realize. O militar citado acima, se for de avião sentirá muito mais os efeitos do que se for de navio pois, quanto mais lenta for a aproximação e entrada na nova região, mais lenta será a aclimação e menos sofrerá os seus efeitos.

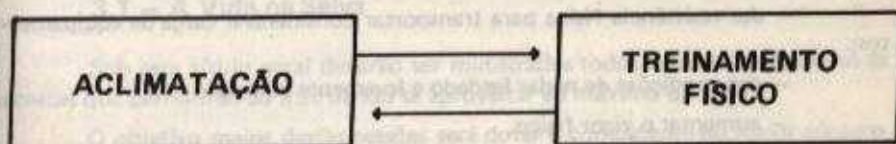
Alguns estudiosos do assunto prevêm um prazo de 15 dias para uma boa aclimação, mas existem outros fatores que irão influenciar neste prazo, como por exemplo: as características individuais e a diferença geográfica entre as áreas de origem e destino.

No caso específico da Amazônia podemos citar um caso quase comum entre os alunos do COS que vêm de fora da área amazônica. Ele tem início quando se chega à porta do avião para se desembarcar, sente-se um "bafo" quente envolvendo o corpo da pessoa e quase imediatamente a sudorese aumenta, passando alguns por ligeiro mal-estar. À noite dorme-se com o mínimo de roupas, mas como durante a madrugada a temperatura desce, refrescando bastante, o homem normalmente amanhecerá gripado. Passado alguns dias a gripe é curada e não mais acontecerá o fato, pois o homem já estará aclimatado.

Apesar da aclimação independer da vontade humana, ela poderá ser acelerada através de uma atividade física, leve em seu início, mas subindo gradualmente o esforço até o homem estar totalmente aclimatado, podendo então, ser submetido a um treinamento mais intenso e mais prolongado.

Concluimos portanto que há uma interação entre a aclimação e o treinamento físico, um permitindo que o homem possa estar em condições normais para desempenhar suas atividades e o outro acelerando este processo de modo que mais rapidamente ele atinja esta performance.

Graficamente podemos representar esta relação da seguinte forma:



2 – O treinamento físico

A progressão na selva é difícil. A todo momento surgem obstáculos a dificultar o movimento: troncos caídos, igarapés, igapós e subidas íngremes, são alguns dos obstáculos mais comuns. A constância destes obstáculos não desgasta apenas física, mas também psicologicamente, pois para cada obstáculo, considerando as suas dimensões, serão adotadas medidas táticas de segurança, estafando o combatente com constante preocupação. Por isto os deslocamentos serão longos, não tanto com relação a distância mas sim com relação ao tempo de execução, sendo, portanto considerados em horas e não por quilômetros percorridos. Em conseqüência do exposto acima as operações terão uma duração maior que as realizadas em terreno considerado como convencional, devendo o combatente estar em condições de suportar um desgaste físico muito grande durante prolongados períodos.

O apoio administrativo, em particular, o logístico, será muito difícil. Este fato aliado a longa duração das operações, exige que o homem transporte equipamentos e rações adicionais para poder atuar durante um período de tempo maior e com mais segurança, pois o apoio poderá ser interrompido por interferência das condições meteorológicas, pelo inimigo ou pela impossibilidade de se trazer o suprimento até o local onde se encontre. Por isto o combatente deverá possuir resistência física para transportar a sua carga através de um terreno difícil e por prolongado espaço de tempo.

Normalmente as áreas de selva são irrigadas por uma rede fluvial considerável e normalmente estas vias fluviais serão os únicos caminhos para o seu interior, transformando-se em excelentes eixos de penetração por onde provavelmente serão transportados tropas e suprimentos, portanto operações ribeirinhas serão realizadas em alta escala e, em conseqüência, o combatente estará sujeito, seja por imposição de sobrevivência ou por imposição tática, a entrar em rios e igarapés com seu equipamento tendo de nadar até outra embarcação ou margem. Por isso, dentro do trei-

namento físico deverá ser previsto um treinamento específico de natação, para proporcionar ao combatente condições de enfrentar estas situações.

Podemos concluir portanto que a preparação física do combatente de selva visará os seguintes objetivos:

- auxiliar o processo de aclimação;
- deixá-lo em condições de enfrentar longos e difíceis deslocamentos;
- deixá-lo em condições de permanecer na selva durante longos períodos;
- deixá-lo em condições de ultrapassar obstáculos de difícil transposição;
- dar condições de suportar prolongado desgaste físico;
- dar resistência física para transportar considerável carga de equipamentos;
- dar condições de nadar fardado e levemente equipado;
- aumentar o vigor físico.

O treinamento previsto pelo C 21-20, Treinamento Físico Militar, para a Tropa Paraquedista deverá ser adotado na preparação física do combatente de selva, introduzindo-se ainda a parte específica de Natação Utilitária, nos mesmos termos prescritos no Art. IV, Capítulo 8, 2ª Parte, do referido manual e do C 21-22 Instrução Individual para as Operações Aquáticas.

Oficiais e Sargentos deverão ser submetidos ao mesmo treinamento, obedecendo-se a faixa etária, pois também deverão transportar nas costas todo equipamento necessário, enfrentar as mesmas dificuldades impostas pelo terreno e terão, ainda por cima, as responsabilidades do comando.

O treinamento físico é fundamental para o combatente de selva pois terá tripla função: de acelerar a aclimação, dar melhores condições de modo a se obter melhor preparação técnica e auxiliar na preparação psicológica do homem. Estas relações podem ser representadas da seguinte maneira:



3 - A Preparação Técnica

Esta fase da instrução deve ser dividida em duas partes. A primeira terá como objetivo capacitar tecnicamente o homem à vida na selva, e a segunda, capacitá-

lo técnica, tática e operacionalmente no aspecto militar.

A instrução deve ser eminentemente prática, seguindo-se, imediatamente após as explicações teóricas, exercícios de aplicação, numa proporção de 20% das horas de instrução para a teoria e 80% para os exercícios de aplicação. O mau tempo não deve interromper a instrução, devendo transcorrer normalmente, pois este será o ambiente normal da selva.

Os instruídos deverão ser divididos em equipas de no mínimo 4 elementos, pois caso um venha a se ferir, dois o transportam e o quarto poderá abrir trilhas facilitando o deslocamento, entrando em rodízio com os que transportam ou ainda ser enviado à frente para pedir auxílio.

3.1 — A Vida na Selva

Sob este título geral deverão ser ministrados todos os assuntos relativos às técnicas que permitirão ao instruído se aproveitar ao máximo da selva.

O objetivo maior destas sessões será dotar o combatente do maior número possível de conhecimentos sobre a vida na selva, deixando-o familiarizado com ela e vê-la por um lado positivo, aprendendo a entendê-la e a respeitá-la, pois só assim terá condições de enfrentá-la.

Para que se consiga atingir estes objetivos os seguintes assuntos devem ser ministrados:

- Manejo de facão;
- Sobrevivência;
- Armadilhas para caça;
- Ofidismo;
- Construção de abrigos;
- Transposição de obstáculos (Técnicas);
- Construção de bóias e jangadas improvisadas;
- Doenças tropicais (profilaxia e tratamento);
- Medidas de higiene;
- Primeiros socorros (incluindo aplicação de injeções).

Sobre a sobrevivência, devemos lembrar que o soldado, em princípio, só se utilizará dela em casos extremos e que não deverá ser normal durante as operações, mas como este assunto é o ideal para desinibir e adaptar o homem à selva, a ele deve ser dada uma carga horária maior e ser ministrada com muito zelo. Se possível todos devem preparar os animais para serem comidos, inclusive o abate pois isto repugna a muitos. Após terem sido ensinados os princípios que regem a sobrevivência e visto como se deve preparar os alimentos, há necessidade de se realizar um exercício de longa duração onde os instruídos aplicarão todos os ensinamentos transmitidos. A duração mínima deste exercício deverá ser de 4 dias pois assim o homem sentirá a necessidade de obter os alimentos pressionado pela fome. Para avaliação do rendimento poderá ser atribuído pontos pela apresentação, no final do exercício, das cabeças dos animais abatidos, fazendo-se uma gradação conforme o porte do animal. A IP 72-25, Sobrevivência na Selva, deverá orientar as sessões.

A preparação técnica da vida na selva é básica para a adaptação do homem à selva e será peça fundamental na preparação psicológica do combatente, pois através dela é que o medo de penetrar na selva desaparecerá e onde serão adquiridos os conhecimentos básicos para se conhecê-la e torná-la uma aliada.

3.2 — A Instrução Técnica Militar

As operações na selva são consideradas especiais por exigirem tropas com treinamento especial, equipamento especial e um modo especial de serem conduzidas.

Por exigirem equipamentos especiais ou a utilização de artifícios para se obter rendimentos razoáveis daqueles considerados como convencionais, quando empregados na selva, haverá necessidade de uma fase técnica onde serão transmitidos ensinamentos de como se utilizar estes equipamentos ou quais os artifícios a serem empregados para se obter deles o maior rendimento possível dentro das limitações impostas. Para exemplificar citamos o caso das estações rádio, que na selva, têm seu alcance reduzido a 1/3, mas construindo-se certos tipos de antenas, este alcance poderá ser aumentado.

Para o aproveitamento das vias fluviais, serão necessários conhecimentos sobre navegação fluvial, botes militares, motores de popa, etc.

A instrução tática individual do combatente em certos aspectos será totalmente modificada, particularmente sobre: a observação, a progressão, a execução do tiro, utilização de abrigos e avaliação de indícios deixados pelo inimigo.

Portanto deverão ser ministrados nesta fase os seguintes assuntos:

- Navegação na selva (noturna e diurna);
- Armamento (técnicas de tiro, Mnt e limpeza);
- Instrução individual do combatente de selva;
- Armadilhas AP (inclusive com material da selva);
- Explosivos e destruições (cortes de árvores, abertura de clareiras);
- Marchas através selva (noturnas e diurnas);
- Navegação fluvial;
- Botes militares e motores de popa;
- Balizamento de ZPH;
- Ligação terra-avião;
- Comunicações (antenas improvisadas);
- Técnicas de ações imediatas (TAI);
- Transposição de obstáculos (tática).

Com estes conhecimentos o homem estará tecnicamente preparado para entrar na fase tática do treinamento.

3.3 — A Instrução Tática

A finalidade desta fase é a adaptação dos conhecimentos táticos do combatente à selva. Não existe uma tática para a selva, ela é a mesma, apenas se reveste

com algumas características peculiares conseqüentes da adaptação do emprego das frações a este tipo "especial" de terreno. Para isso há necessidade que seja realizado o maior número possível de exercícios táticos para maior e mais rápida adaptação de seus conhecimentos.

Os assuntos a serem ministrados nesta fase são:

- Patrulhas;
- Emboscadas e contra-emboscadas;
- Patrulhamento fluvial;
- Bases de patrulha;
- Fuga e evasão;
- Infiltração;
- Incurões;
- Operações ribeirinhas;
- Operações fluviais;
- Operações aeromóveis.

Como salientamos inicialmente, após as exposições teóricas os instruídos deverão ser submetidos a exercícios tipo "escola", ou seja, dirigidos pelos instrutores para que haja imediata assimilação dos ensinamentos.

Deve-se dar especial atenção ao ensino de Patrulhas. Elas são básicas nas operações na selva, pois a limitação imposta a observação exigirá dos comandantes o envio de patrulhas à frente para a obtenção de informes seja sobre o terreno, seja sobre o inimigo e além disso, será freqüente o emprego de unidades, subunidades e frações menores atuando isoladamente. A patrulha, é o exercício tático ideal para treinar os Cmt a assimilarem de imediato as implicações que a selva impõe ao Combate, dando-lhes experiência para no futuro saber como, quando, onde empregar seus meios e conhecimentos básicos úteis no seu trabalho de comando para melhor decidir dentro dos condicionantes de tempo e espaço, sabendo o que exigir de seus subordinados e quais os resultados que deles poderá esperar.

Sobre as operações fluviais e ribeirinhas deve ser dada uma maior carga horária tendo em vista ser, para muitos, um assunto novo, exigir conhecimentos técnicos operacionais e por serem as vias fluviais importantíssimas para a condução e realização das operações na selva.

Estando o combatente preparado para viver na selva, tendo conhecimento das técnicas e peculiaridades táticas das operações ele estará em condições de passar a fase seguinte, que a chamaremos de Operacional.

3.4 — O Treinamento Operacional

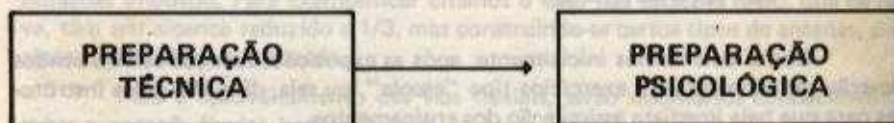
Nesta etapa do treinamento o combatente já estará capacitado a participar de operações. Os exercícios realizados durante este período deverão ter a maior duração possível para que o Comando e combatentes sintam os problemas que surgem durante uma permanência prolongada no interior da selva. Diversas situações, normais neste tipo de combate, deverão ser simuladas tais como: evacuação de feridos,

não recebimento de suprimento classe I, falta de ligação com vizinhos e escalão superior, etc.

Deverão ser realizados exercícios táticos sobre:

- Operações Fluviais;
- Operações Ribeirinhas;
- Operações Aeromóveis;
- Operações de Contra-Guerrilha;
- Incursões.

Se o combatente estiver bem preparado tecnicamente tanto no aspecto vida na selva como no aspecto militar, ele terá melhores condições de enfrentar as dificuldades impostas pela selva e pelas operações. Portanto esta preparação técnica também auxiliará na preparação psicológica, podendo-se mostrar graficamente esta relação da maneira seguinte:



4 – A Preparação Psicológica

Vimos no item II, os principais fatores que atuam sobre o combatente, especificamente sobre o seu comportamento. Vejamos algumas idéias de como poderemos preparar o combatente de modo a amenizar as reações negativas que possam surgir em consequência da vida na selva.

A rigor, a preparação psicológica do homem que irá combater na selva, inicia-se no momento em que ele se apresenta como voluntário ou no momento em que toma conhecimento de sua designação para tal. De imediato podemos concluir que no primeiro surgirão reações positivas, tornando-o receptivo a todos os ensinamentos apresentados; já quanto ao segundo, três situações poderão surgir: o "satisfeito", que se enquadrará no primeiro caso; o "indiferente" e o "insatisfeito".

Os "indiferentes" e "insatisfeitos" poderão apresentar reações negativas de tal ordem, conforme citaremos exemplos mais adiante, que poderão prejudicar o "espírito de equipe" tão necessários às frações que combatem na selva. O ideal seria que apenas tivéssemos voluntários para este tipo de combate, mas isto é impossível e, portanto, os que exercem as funções de Comando, nas diferentes frações, devem ter conhecimentos de como conduzir a instrução para reduzir ao mínimo as consequências negativas da presença de um homem que não se adapte a selva.

Para que se alcance este objetivo há necessidade que se dê uma orientação positiva do que seja a selva, como se vive nela e como dela se retirar recursos para a sobrevivência. Muitas vezes os homens, alguns com certo nível de cultura, estão condicionados a lendas e estórias falsas sobre a selva. Sobre estas lendas e estórias, as que

mais deixam o homem relutante em penetrar na selva, são aquelas sobre os animais e sobre as doenças tropicais. Por isso salientamos no início, que as instruções ministradas na fase técnica de vida na selva são básicas para a preparação psicológica do combatente.

Sabemos que o homem cansado é propenso a perda de humor, a indisciplina, ao relaxamento, ao descaso com as medidas de segurança e até a insubordinação. Sabemos também que a progressão na selva é excessivamente cansativa e que as intempéries prejudicam em muito o rendimento do homem, portanto, o preparo físico é muito importante, pois dará condições físicas ao combatente, evitando que venha reagir de modo negativo. Em consequência a preparação física também será responsável por uma boa preparação psicológica.

Todos os trabalhos devem ser realizados em grupos, de preferência dentro das próprias frações: Esq, GC, Pel, etc. Este trabalho em equipe trará melhor conhecimento entre os homens, melhor cooperação e terá como resultante um sadio "espírito de equipe". Os Cmt. de frações deverão observar constantemente estas equipes para verificarem a existência de elementos desajustados, para melhor orientá-los no futuro.

Na selva não há fato mais desmoralizante que falha no apoio logístico, particularmente quanto ao Sup. Cl I, e fatalmente isto acontecerá, mas a ação do comando deverá procurar evitar de todas as formas que isto venha a acontecer e, há necessidade de que o homem saiba que o comando tudo está fazendo, para, quando não puder apoiá-lo, saber que foi impossível e que a falha foi, honestamente, independente de sua vontade.

A preparação psicológica é constante durante quase todo o treinamento e para que se atinja bons resultados deverá ser observado o seguinte:

- haver uma perfeita aclimatação;
- dar excelente preparo físico ao combatente;
- dar uma orientação positiva do que seja a selva;
- aprimorada preparação técnica de vida na selva;
- palestras sobre a profilaxia e tratamento das doenças tropicais;
- incentivar o trabalho em equipe;
- apoio logístico eficiente e permanente;
- liderança baseada no exemplo.

Como fizemos anteriormente, podemos demonstrar graficamente as relações existentes entre as demais fases do treinamento e a preparação psicológica, da seguinte maneira:



Apresentamos a seguir alguns casos verídicos de comportamento, catalogados durante o período de quatro anos, quando fomos aluno e instrutor do Curso de Operações na Selva (COS). Desejamos salientar que estes casos foram únicos e são apresentados apenas como exemplos de reações que o homem teve quando submetido a pressões físicas e psicológicas, normais no combate em selva.

CASO 1: "O galho no rosto"

É comum ao andar-se em coluna na selva, o homem de frente levar com as mãos pequenos galhos atravessados em seu caminho e soltá-los logo após. Este, livre, volta com certa violência e bate no rosto do que vem atrás. Um, dois, três galhos depois, o homem da retaguarda chega a tal ponto de irritação que simples pedidos de desculpa não resolvem gerando-se então, pesadas discussões.

CASO 2: "O que vim fazer aqui"?

Durante os estafantes deslocamentos feitos na selva, em que o homem está sujo, mal dormido, cheirando mal, suado, picado por insetos e molhado pelas chuvas, surgem oportunidades de sentar-se para descansar e fatalmente lhe vem a pergunta: — "O que vim fazer aqui?", exigindo muita determinação para prosseguir, mesmo para os voluntários.

CASO 3: Sintomas de claustrofobia

O ambiente fechado da selva, reduzindo a observação no máximo a 15 metros, faz com que o homem sinta-se deprimido e irritado, esta sensação de claustrofobia é tão grande que ao chegar ao leito de uma estrada, o ambiente sem vegetação lhe dá a sensação de amplidão e tranqüilidade.

CASO 4: A imundície

Um companheiro comentava: "Eu resisto a tudo, a fome, as marchas, aos mosquitos, só não me acostumo é com a imundície em que se vive dentro da selva".

CASO 5: Peso extra

Até o final de 1967, o COS utilizava uma bolsa de medicamentos, distribuídos em razão de uma para cada equipe de 5 alunos. Esta bolsa era incômoda, feita de couro, medindo cerca de 0,40 x 0,15 x 30 metros, possuindo uma alça que permitia seu transporte a tiracolo. Com os medicamentos pesava em torno de 3 kg, aumentando seu peso a medida que absorvia a água da chuva. Normalmente as equipes faziam um revezamento de 30 a 60 minutos entre seus homens para transportá-la. Esta bolsa, por ser um peso extra para os homens, era responsável por sérias e acirradas discussões por estar faltando "um minuto" para completar o tempo previsto. Outros atritos surgiam para se saber "quem deveria receber a bolsa para transportá-la". Algumas equipes "esqueciam" a bolsa nas Bases de Instrução e, uma destas equipes teve um homem picado por uma serpente e não dispunham do soro anti-oftídico para aplicar, pois este, estava dentro da bolsa. O ferido só foi medicado duas horas depois. Salvou-se, permanecendo meses no hospital.

CASO 6: O "trilhute"

Há uma tendência natural do homem duvidar da bússola, particularmente quando não atinge o ponto desejado dentro do prazo esperado. Quando surge o ca-

so do azimute incidir sobre uma trilha e a fração ter de se deslocar sobre ela um certo trecho, há uma tendência do homem-bússola seguir sobre a trilha, acreditando estar seguindo o azimute. Este fato aconteceu com uma patrulha que, por ter seguido uma trilha quase coincidente com o azimute, passou a 20 metros da clareira-objetivo não mais a encontrando pelos próprios meios. A guisa de pilhéria entre os alunos surgiu o termo Trilhute, mistura de trilha com azimute.

CASO 7: O "independente"

O exercício de sobrevivência é feito por equipes, constituídas por 5 elementos. Neste exercício o trabalho em grupo é fundamental, destacando-se os seguintes: construção do abrigo, caça, pesca e obtenção de alimentos vegetais. Durante quatro dias vive-se exclusivamente dentro do grupo. Em um destes, um elemento, sem nenhum motivo aparente abandonou a equipe e resolveu construir um abrigo só para ele, prejudicando o trabalho do grupo. Ao cair da noite o seu abrigo não estava pronto e resolveu passar para o do grupo, que havia sido construído apenas para quatro e, em consequência desta atitude, todo o grupo dormiu mal acomodado, não obtendo o merecido repouso.

CASO 8: O medo "contagioso"

Este caso aconteceu com o mesmo grupo citado no caso anterior e durante o mesmo exercício de sobrevivência. À noite, todos estavam tentando "dormir", quando um dos elementos chamou a atenção dos demais para "ruídos estranhos" e que "certamente" era de uma onça que se aproximava. Dentro em pouco o medo se alastrou a todos os demais. O interessante neste caso é que todos estavam ouvindo os "ruídos estranhos" e nenhum se alarmou, mas bastou um citar a onça, para que todos passassem a sentir medo.

CASO 9: "O irritado"

Um dos participantes do COS era conhecido por sua valentia, intrepidez e por ser bom esportista. Na segunda semana de curso pediu desligamento por não conseguir se adaptar à selva, pois cada vez que ia para o seu interior, tornava-se de tal forma irritado que passava a discutir com todos os seus companheiros. Sentindo o problema e vendo que estava prejudicando sua equipe, pediu desligamento. Citamos este exemplo para mostrar que nem todos se adaptam à selva e que talvez um bom profissional num combate chamado convencional não apresente o mesmo rendimento num combate especial como o da selva.

CASO 10: A idade e a preparação física

Outro elemento, já com certa idade e sem o preparo físico necessário para enfrentar o COS (nesta época não havia exame físico para os candidatos) passou por uma experiência bastante desagradável. Após quatro dias de marchas e combates simulados, este elemento ficou a tal ponto cansado, que praticamente transformou-se num autômato no cumprimento de ordens, não mais raciocinava simplesmente cumpria qualquer coisa que se lhe ordenava. A certa altura não mais resistiu, sentou-se no chão, disse que desistia e que não sairia de onde estava. Após várias tentativas para convencê-lo a prosseguir o instrutor mais antigo apelou para o medo, dizendo para que ele ficasse mas que tivesse cuidado com as onças que vagavam por

ali, pois a partir daquele momento ficaria sozinho. Imediatamente levantou-se e seguiu cambaleante atrás da patrulha.

CASO 11: O Cmt. submerso

Durante um exercício de patrulhamento fluvial, após os preparativos, a transmissão da ordem à patrulha e inspeção, o Cmt. desloca-se em direção à água, ordenando o embarque de seus homens; continuando a andar, vai dando as demais ordens a sua Patrulha até que em certo momento repara que estava submerso até a cintura, que todos os botes já haviam se afastado e havia se esquecido de embarcar.

CASO 12: A picada de cobra 1

Um elemento estava dormindo em seu abrigo, cai e sente uma picada ao bater no chão. Pensando em se tratar de uma cobra, pega um facão e começa a desferir golpes em todas as direções impedindo os companheiros de lhe prestarem auxílio. Era apenas um espinho.

CASO 13: A picada de cobra 2

A patrulha progredia havia 5 dias. No final do 5º dia alcançou uma estrada e seguiu por ela. Ao anoitecer, durante um alto, um dos homens disse ter sido picado na perna por algum animal e que estava ficando com a perna paralisada (sintoma de picada de cobra coral). Rapidamente abriu-se as calças do ferido procurando-se encontrar o local da picada. Havia um elemento de saúde fazendo o curso e foi rapidamente chamado para aplicar uma dose do soro correspondente, mas como estava cansado e nervoso, quebra a ampola inutilizando o seu conteúdo. Neste ínterim chegou-se à conclusão que o homem não estava ferido pois não havia sido encontrado nenhum sinal de picada. O ferido levanta-se e diz que vai seguir até o fim, abandona a estrada e embrenha-se na selva, agora completamente escura pela noite. Somente após um diálogo de 20 minutos concorda em voltar à estrada e seguir na direção correta.

Como já salientamos os casos citados foram observados em condições de treinamento, contra inimigos fictícios e com todas as medidas de segurança prontas para serem desencadeadas em caso de acidente. Apresentaremos agora, trechos retirados do relatório elaborado pelo extinto GEF, sobre a Operação Jaquirana, executada no ano de 1960 na região dos rios JAVARI — CURUÇÁ contra bandoleiros que sistematicamente atacavam os habitantes daquela área que comprovam, dentro de um quadro real, alguns dos casos apresentados. Vejamos.

— “A partir do primeiro alto horário começaram aparecer os sinais de cansaço nos homens, carregados com excesso de peso: jamaxis (2) e Mtr. Madsen; esses homens apresentavam sinais de fadiga — câimbras freqüentes, quedas, mal estar geral acentuado.”

— “Inutilizando-se a bússola pela penetração de água da chuva e não podendo orientar-se pelo sol, a tropa marchou durante dois dias. Já no primeiro dia o... deixou-se ficar pelo caminho por causa da exaustão.”

— À certa altura deste relatório o Cmt. GEF faz a seguinte determinação:

— “Impedir que os homens usem as rações que lhes forem distribuídas,

arbitrariamente, ou mesmo que façam economia, como foi observado, ou ainda, que enervados pelo excessivo peso, joguem fora as latas de conserva."

— "Foi ainda observada uma grande tendência, particularmente na tropa da ..., para as ponderações, discussão de ordem e sugestões para melhores soluções, ...".

— "A marcha havia sido estafante devido à pressa de chegar logo ao PR onde deviam estar nos esperando os Dst. X e Y, e também devido às dificuldades de travessia dos igarapés e terrenos alagadiços, onde tivemos que rolar muitos e possantes troncos de árvores caídas."

— "Afundou o barco SAMEIRO, o qual transportava 10 tambores de óleo Diesel, um tambor de querosene, 3 paneiros (3) de farinha e 15 kg de feijão; conseguimos arrastar o barco até a beira e amarrá-lo às árvores do barranco e por intermédio dos motores de popa reavemos 8 tambores de óleo Diesel e o de querosene". Pelo relatório do Cmt. deste Dst. concluíamos que levaram cerca de cinco horas de intenso trabalho para poderem prosseguir.

— "A tropa passou os dois dias anteriores à chegada no objetivo e os dois posteriores, alimentando-se de cocos e frutas silvestres pela falta absoluta de caça. Durante a marcha, após ter atravessado um buritizal alagado, o Dst. foi atacado por um acesso de febre alta acompanhada de vermelhidão pelo corpo, principalmente no rosto, e tremores."

— "Durante o trajeto somente dois dias foram favoráveis à marcha, o restante foi efetuado sob copiosas chuvas. ...".

— "Às 17:00 horas a canoa que ia na frente tornou-se alvo de quatro a seis atiradores inimigos que deram de seis a oito tiros de espingarda. Aos primeiros tiros a tripulação caiu n'água e fez da canoa escudo procurando levá-la incontinente para a margem onde se encontravam os atiradores inimigos; devido ao remanso a canoa encostou na margem oposta e só foi possível darmos um tiro de dentro d'água; ao alcançarmos a margem lutamos com grande dificuldade para subi-la pois era a pique."

CONCLUSÃO

Vimos na análise das diferentes fases do treinamento para as operações na selva, que elas não são estanques, ao contrário, são de tal forma interligadas que seria impossível separá-las, marcando o início de uma e o fim de outra. Se nós juntarmos num bloco único todas as fases estudadas e suas inter-relações, poderíamos representar graficamente da seguinte forma:

Da análise deste gráfico podemos tirar as seguintes conclusões:

— o treinamento físico é fundamental na preparação do combatente, pois terá implicações diretas na aclimatação, na preparação técnica e psicológica do soldado;

— a preparação psicológica será conseqüência da aclimatação, do treina-

mento físico e da preparação técnica. Quanto melhor for o padrão delas, melhor será a preparação psicológica;

— de todas as fases, a aclimação é a única que sofre solução de continuidade e independe das demais, pois se processará de qualquer maneira. O treinamento físico poderá, caso a necessidade exija, acelerar este processo.

Este treinamento deverá ser duro, exigindo-se do instruído o máximo que se puder, pois duras são as condições de vida na selva, e este tipo de combate talvez seja o mais dramático e difícil, pois além de apresentar as dificuldades e perigos de todos os outros, apresenta também as decorrentes da própria selva, sendo aqueles, eventuais, e estes, constantes.



O homem treinado para combater em áreas densamente cobertas de vegetação terá duas vantagens: estará em condições de atuar na selva e terá bastante facilidade de operar em terrenos convencionais. Sobre este último aspecto tivemos oportunidade de comprovarmos pessoalmente, quando no comando de um Dst. do CIGS em missão de defesa e vigilância na região do BOM FIM, RR, na fronteira entre BRASIL e GUIANA, quando da fuga de elementos rebeldes daquele país para o BRASIL, no ano de 1969. A facilidade de observação, de deslocamento, de coordenação e de controle, são grandes para quem está acostumado a vegetação "hermética" da selva, onde estes aspectos sofrem grandes limitações.

Salientamos ainda, que encontramos em todas as regiões do país, grandes extensões de áreas cobertas de vegetação que darão às operações militares, caso sejam executadas, características iguais às daquelas operações.

Para finalizar, a tropa que passar por este tipo de treinamento, também estará em condições de atuar em operações de contra-guerrilha rural, pois normalmente neste tipo de terreno é que forças guerrilheiras localizam suas regiões de homizio.

Podemos concluir portanto, que o treinamento para combater na selva não deve ser encarado apenas como um treinamento localizado, específico da Amazônia, e sim, como necessário a todo Exército, necessidade esta, imposta pela própria geografia do país.

NOTAS EXPLICATIVAS

- (1) Oficial do Exército Britânico. Com a retirada do seu Exército, permaneceu à retaguarda das forças japonesas, organizando e dirigindo uma rede de informantes.
- (2) Mochila improvisada de saco de aniagem, muito utilizada na AMAZÔNIA.
- (3) Cesta arredondada feita de cipó.